

# A idiossincrasia do homem do interior em narrativas de crime

**Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro**

Doutora em Letras

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

E-mail: [simonebcr@yahoo.com.br](mailto:simonebcr@yahoo.com.br)

 ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0491-6385>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume 6**

**Número 1**

**Recebido em:** 27/08/2020

**Aprovado em:** 06/11/2020

## **Resumo**

O escritor correntino Velmiro Ayala Gauna faz uma paródia do modelo clássico de literatura policial ao transferir o ambiente urbano, rico e culto das narrativas de crime, da era do Grande Detetive, para o ambiente rural, sofrido e inculto de Capibara-Cué, cuja sátira é intensificada com os métodos peculiares e com a figura oposta do detetive tradicional, representado, em suas narrativas, com uma linguagem inculta e como um assalariado que cumpre ordens de seus superiores. Contudo, apesar destas controvérsias, Don Frutos Gómez sempre atinge o seu objetivo que consiste em descobrir o culpado. Sendo assim, a partir de ápices da literatura policial, com foco nas narrativas de enigma (Pontes, 2007; Nunes, 2014; Braceras, Leytour e Pittella 1986), analisa-se, neste artigo, o conto “La justicia de Don Frutos”, de Ayala Gauna.

## **Palavras-chave:**

Narrativas de enigma; Ayala Gauna; Paródia; Don Frutos Gómez; Idiossincrasia; Insólito.

# 1 Introdução

Quando se trata de narrativas de crime, vem à tona uma discussão que envolve o ser ou não ser literatura. De um lado, há teóricos que as avaliam como uma literatura de massa, considerada menor e destinada a leitores menos exigentes e, de outro, há aqueles que defendem uma literatura inovadora, sem amarras tradicionais, cujos valores sociais mudariam conforme cada cultura. Nesta perspectiva, concebe-se que os processos de compreensão não são únicos, mas sim uma variação de diferentes circunstâncias e, conseqüentemente, da diversidade de interlocutores, discursos e épocas.

Desse modo, no que diz respeito às histórias de crime, com a expansão das cidades e das sociedades contemporâneas, as multidões tornaram-se comuns e a aglomeração urbana, em conjunto com o modo de vida nas metrópoles, possibilitou um cenário propício para as narrativas de crime. Logo, os cidadãos que já estavam habituados a acompanhar nos jornais relatos verídicos de crime, tornaram-se consumidores dessa nova modalidade literária que, segundo alguns estudiosos, surgiu no século XIX, em pleno positivismo, com Edgar Allan Poe.

O marco iniciado por Poe possibilitou o nascimento de um legado de protagonistas denominados de Grandes Detetives<sup>1</sup>, como também, o surgimento do Pequeno Detetive como símbolo de transgressão das normas detetivescas em voga até meados do século XX. Neste novo patamar, observa-se o deslocamento do cenário narrativo restrito às classes superiores e a perda da imaculada e inatingível figura do detetive super-herói.

Por conseguinte, surgem espaços narrativos do cotidiano das camadas mais inferiores e protagonistas ao revés dos Grandes Detetives, como, por exemplo, Don Frutos Gómez, personagem de Velmiro Ayala Gauna, cuja trama detetivesca pode ser descrita como uma paródia<sup>2</sup> da literatura policial clássica<sup>3</sup>.

Embora paródico, os contos policiais protagonizados por Don Frutos Gómez não se restringem somente a carga insólita de transgressão das regras do romance policial de enigma, estabelecidas por Van Dine em 1928, mas, principalmente, pela idiossincrasia do personagem *costumbrista*<sup>4</sup> de Ayala Gauna, que faz com que a justiça de Don Frutos Gómez chegue aos lugares em que a justiça da ordem instituída não chega ou não é aplicada.

---

<sup>1</sup> Segundo Pontes (2007, p. 48) “O que Symons chama de Grande Detetive, com iniciais maiúsculas, a fim de acentuar sua natureza algo sagrada, é aquele onisciente e onipotente personagem em torno de quem girou, durante muitas décadas, toda a ação do tipo romance detetivesco que nos dias de hoje passou a ser referido como ‘convencional’”.

<sup>2</sup> A paródia, a que se refere este enunciado sobre narrativas de crime, consiste em uma releitura, em uma nova interpretação da literatura policial clássica e consagrada. Assim, a transgressão literária, cujo objetivo incide na adaptação do contexto original ao contexto local e cotidiano do escritor correntino, fica evidente tanto na inversão das características do Grande Detetive quanto no espaço em que a história desenrola-se.

<sup>3</sup> A literatura policial de enigma também é denominada de tradicional ou clássica (NUNES, 2014).

<sup>4</sup> Relativo à vida cotidiana, aos costumes locais.

Diante disso, a partir de narrativas de crime envoltas no ambiente rural do povoado de *Capibara-Cué*, Ayala Gauna aborda as diferenças de classe e a aplicação da lei entre elas, demonstrando como a injustiça permeia os mais pobres e como os desprotegidos padecem, como se verá mais adiante na leitura do conto “La justicia de Don Frutos” (1955).

Para tanto, primeiramente, exhibe-se uma sucinta explanação teórica da literatura policial; seguida de algumas informações sobre autor; para, na sequência, adentrar-se nas particularidades do personagem *costumbrista* de Ayala Gauna. Tecendo, dessa maneira, antes da leitura do conto elencado para análise, uma apresentação do detetive argentino, protagonista dos casos de enigma de *Capibara-Cué*. Por fim, realiza-se uma reflexão do conto “La justicia de Don Frutos”, cuja narrativa transgressiva apresenta as peculiaridades “del hombre del litoral, con sus prejuicios y su sabiduría” (VERLICHAK, 2011, p.1), pois, segundo Verlichak (2011, p.1), “los que varían son las costumbres y el entorno”.

## 2 O crime como razão da existência da literatura policial

Ao discorrer sobre a tipologia do romance policial, Todorov (2003) aponta que “não existe mais uma única norma estética em nossa sociedade, mas duas: não se pode medir com as mesmas medidas a ‘grande’ arte e a arte ‘popular’” (p. 65). Portanto, entende-se que não caberia na literatura policial o “fazer melhor” evidenciado por Todorov (2003), haja vista que segundo este mesmo autor, “quem quiser ‘embelezar’ o romance policial, faz ‘literatura’” (TODOROV, 2003, p. 65).

De acordo com Nunes (2014), esta visão de Todorov (2003) também é dividida pelos escritores Boileau-Narcejac (1991) que, embora tenham tecido narrativas policiais que foram além do entretenimento, compartilham da mesma posição, pois afirmam não serem necessários “folhos literários”, uma vez que o leitor busca por um quebra-cabeça intelectual e não por valores estéticos.

Diante disso, para a pesquisadora, tanto Todorov como Boileau-Narcejac, são preconceituosos em dois aspectos, primeiro quando consideram a “literatura policial como um mero jogo para o intelecto” (NUNES, 2014, p. 22) e, segundo ao idealizarem a literatura, em âmbito geral, como um adorno.

A autora intensifica ainda que a narrativa policial vai além de uma distração, de uma simples história de crimes. É metaficcional, tendo em vista que “desvenda não apenas o mistério de um assassinato, mas o da própria existência humana [...]. O enredo policial é apenas um método, uma forma de representar, metonimicamente, o mundo em que vivemos e a própria literatura” (NUNES, 2014, p. 23). Sendo assim, Pontes (2007, p. 22) esclarece que “ao contrário do ‘quem’ e do ‘como’, que cada novo conto, novela ou romance desafiam a capacidade inventiva

de escritor, as dimensões e as características do 'mundo do crime' pedem ao autor apenas que olhem ao redor de si", mas de maneira penetrante e reflexiva.

Nesta perspectiva, sendo a narrativa policial uma representação do cotidiano, pode-se dizer que a influência proporcionada pelo jornal, este enquanto um veículo que noticiava crimes, contribuiu para o aumento de um público leitor insaciável pela decifração dos acontecimentos nele relatados e, conseqüentemente, pelo surgimento da narrativa de crime e pela expansão de seus leitores.

Por conseguinte, Poe, de certo modo, influenciado pelos noticiários jornalísticos, bem como pela atmosfera propiciada pela expansão urbana, deu origem à narrativa policial, tornando-se assim o criador "não apenas [d]o romance policial, mas também [d]o leitor de narrativas policiais" (NUNES, 2014, p. 27). Ainda de acordo com Nunes (2014), foi destaque naquela época, no romance policial de enigma em que Poe foi o precursor, a influência do Positivismo, cujo jogo intelectual e raciocínio lógico conduziam o leitor na resolução do mistério.

Destarte, considerada uma narrativa bem estruturada, uma vez que necessitava de encadeamento para chegar ao seu desfecho, escritores como Van Dine estabeleceram, em 1928, algumas regras a serem seguidas, como, por exemplo: ter apenas um detetive e um culpado que não pode ser o detetive ou um criminoso profissional, mas ser alguém importante na trama; não há espaço para o fantástico, para o amor ou situações e soluções banais, entre outras. Desse modo, qualquer distanciamento dos padrões clássicos estava sujeito a transgressões e a rupturas.

Contudo, o romance policial que surgiu no século XIX não combinava com o modo de vida socioeconômico de meados do século XX. Portanto, a narrativa destinada à elite não motivava as classes inferiores. Carentes de fantasia e de motivações, as multidões não se sentiam "familiarizadas com aquele mundo cem por cento limpo, cem por cento arrumado, convencional, dos romances lá de cima. Os leitores cá de baixo queriam, obviamente, coisa mais conforme com seu cotidiano, mais ao alcance de sua compreensão" (PONTES, 2007, p. 34). Surge, pois o romance negro.

Nas palavras de Pontes (2007), as narrativas de crime da era do Grande Detetive, em que a figura de herói envolvia a predicação de super-homem, passaram a experienciar o auge do Pequeno Detetive, cuja ruptura social permitiu vê-los como cidadãos comuns, desprovidos de superpoderes e "nada mais do que seres humanos" (PONTES, 2007, p. 54).

Por conseguinte, a seguir, considerando as narrativas de crime tecidas por Ayala Gauna e a idiosincrasia de seu protagonista detetivesco, mantém-se a presente discussão teórico-reflexiva apenas no âmbito da literatura policial de enigma, haja vista o tom transgressivo e paródico aplicado a essa modalidade nos contos do escritor correntino.

### 3 O escritor correntino e o detetive *costumbrista*

O escritor Velmiro Ayala Gauna nasceu em *Corrientes*, Argentina, em 22 de março de 1905. Era professor, jornalista e também radialista, mas foi como escritor que teve maior destaque. Além de *Corrientes*, para Ayala Gauna, “Rufno, Rosario y más tarde la ciudad de Santa Fe fueron sus hogares; el litoral del Alto Paraná y la selva correntina, su patria literaria” (AYALA GAUNA, [1960] 2015, p. 2).

O seu primeiro livro foi *La selva y su hombre*. Em 1950 escreveu *Litoral*, em 1952 *Cuentos correntinos* e *Rivadavia y su tiempo* e em 1953, ano em que se casou com Enriqueta, publicou outros três livros: *La semilla y El árbol*, *Teatro de lo esencial* e *Otros cuentos correntinos*. As autorias de Ayala Gauna contam também com a produção de *Por El alto Paraná, ¿De qué color es la piel de Dios?* e com uma versão em castelhano moderno de *La celestina*, *Perurimá* y *El libro Del Buen Amor*.

Além dos livros citados, publicou contos em revistas como *Vea y Lea*, *La Prensa*, *La Capital*, *Rosario*, *El Litoral*, *Democracia*, *Mundo Argentino*, *El Hogar*, entre outras. Na primeira encontram-se publicados alguns de seus contos policiais estrelados por Don Frutos Gómez e que estão presentes nas obras *Los casos de don Frutos Gómez* (1955) e *Don Frutos Gómez, el comisario* (1960).

De acordo com Castelli (2010), constata-se que a obra narrativa de Ayala Gauna teve dois momentos, haja vista o estabelecimento de duas diferentes concepções de produção escrita. Na primeira verificam-se

sus cuentos sustancialmente correntinos, donde los personajes son la tierra, la selva, el río, y donde el hombre – aunque centro de la acción – es un elemento más integrante de la naturaleza, producto de ella o en conflicto con ella. El segundo, el mundo de Don Frutos Gómez, donde el ambiente es marco a la universalidad de lo humano. Donde el hombre no sólo es centro, sino factor decisivo de la acción (CASTELI, 2010, p. 7-8).

No que diz respeito a este segundo momento, em 1955, ao apresentar a sua obra *Los casos de Don Frutos Gómez*, Ayala Gauna esclarece que “Don Frutos Gómez, el protagonista de estas aventuras, está tomado de la realidad y es un típico paisano correntino, más astuto que inteligente, gran observador y conocedor profundo de hombres y de cosas” (AYALA GAUNA, 1955, p. 12). Em acréscimo, Verlichak (2011) enuncia que com “Don Frutos Gómez comisario, Velmiro Ayala Gauna abrió un rumbo en los relatos policiales de atmósfera rural; atmósfera, escenario y resolución, porque siempre, siempre es la naturaleza la que está envuelta en ello” (VERLICHAK, 2011, p. 1).

Segundo publicado no *El litoral* (2006), Don Frutos Gómez, cujos traços próprios lhe são particulares, “se convierte en el primer detective correntino *costumbrista*, ya que su radio de acción es netamente rural”. É justamente esse

diferencial que torna o peculiar detetive protagonista de narrativas de enigma em *Capibará Cué*, Don Frutoz Gómez, reconhecido e aceito pelo público leitor, proporcionando a Ayala Gauna grande destaque na literatura policial argentina de sua época. Inclusive, por ter sido tão expressiva a sua criação, Ayala Gauna teve duas de suas obras levadas ao cinema, *Alto Paraná* e *Don Frutos Gómez*, tendo Ubaldo Martínez interpretando o papel de Don Frutos.

Como escritor correntino, Ayala Gauna traz em suas narrativas, principalmente, espaços que se referem à Província de Corrientes, Argentina. “Incluso cuando son irreales, como el pueblo litoraleño de Capibara-Cué en el cual transcurren los cuentos policiales de la saga de Don Frutos” (AYALA GAUNA, [1960] 2015, p. 2).

Conforme consta no primeiro conto da obra *Los casos de Don Frutos Gómez* (1955), “El arribo”, *Capibara-Cué* era:

un modesto poblado de la costa correntina, enclavado en una áspera barranca del Paraná. En un principio fué apeadero de contrabandistas, pero, luego se fueron asentando pescadores, nutrieros, exilados paraguayos, gente que iba de paso y concluía por afincarse, etc (AYALA GAUNA, 1955, p. 15).

Uma vez estabelecido e exposto o cenário de atuação do protagonista *costumbrista*, Ayala Gauna descreve o seu personagem, assim como, o fizeram os grandes escritores de histórias policiais como, por exemplo, Arthur Conan Doyle ao apresentar Sherlock Holmes e Agatha Christie com Hercule Poirot:

[...] Quanto à estatura, passava de um metro e oitenta, mas era tão magro que parecia mais alto ainda. Tinha olhos agudos e penetrantes, e o nariz delgado, aquilino, acrescentava às suas feições um ar de vigilância e decisão. Também o queixo, quadrado e forte, indicava ser um homem resoluto. As mãos andavam invariavelmente salpicadas de tinta e manchadas por substâncias químicas, mas possuíam uma extraordinária delicadeza de tato, como freqüentemente tive ocasião de notar ao vê-lo manipular os seus frágeis instrumentos de alquimista (DOYLE, 2002, p. 15).

Poirot era um homenzinho de aparência extraordinária. Devia ter pouco mais de 1,60m, mas exibía uma imensa dignidade. A cabeça tinha exatamente o formato de um ovo e ele sempre a inclinava ligeiramente para o lado. O bigode estava sempre bem aparado, com uma rigidez militar. A impecabilidade de suas roupas chegava a ser quase inacreditável. Tenho a impressão de que um pouco de poeira oteria feito sofrer mais que um ferimento a bala. Contudo, aquele dândi exótico, que agora coxeava visivelmente – algo que me entristeceu –, tinha sido um dos mais destacados elementos da polícia belga. Como detetive, demonstrava um talento extraordinário, alcançando triunfos espetaculares, conseguindo deslindar vários casos desconcertantes e misteriosos (CHRISTIE, 2008, p. 25-26).

Por conseguinte, no conto “Don Frutos Gómez, el comisario”, publicado em 1960, Don Frutos Gómez é descrito sendo possuidor de uma:

estatura mediana, robustez, ojos pequeños y renegridos, cabello “que empezaba a ponerse tordillo” y una pequeña barba en punta [...]. Pero a esos

atributos externos unía una sagacidad poco común y un temperamento sereno y conciliador, cosas que no eran obstáculo para demostrar su coraje si la ocasión lo imponía (AYALA GAUNA, [1960] 2015, p. 14).

Desse modo, nessas perspectivas predicativas, é possível aferir, superficialmente, que Poirot é descrito fisicamente sendo o oposto de Holmes e que Don Frutos Gómez possui, além da robustez, um ar mais sereno e conciliador que o decidido Holmes e o orgulhoso Poirot. No conto “El arribo” pode-se observar, ainda, outras características do *comisario* e que complementam as dispostas anteriormente:

Don Juan Román tenía tropillas de todos los pelos, pero sus hombres era de un solo color: el rojo, que lucían desafiantes en los pañuelos que rodeaban sus cuellos o en las vinchas que anudaban a su frente. Frutos se crió a su lado. Fue para él asistente, guardaespalda y confidente [...]. Cuando andaba por filo de los cincuenta años, Eduvigis, su mujer, enfermó de “pasma”, según dijo la curandera y en menos de una semana murió. La pérdida agobió a Frutos de tal manera que su cabellera, hasta entonces negra y brillante, pareció cubrirse de ceniza, su rostro se arrugó y perdió su anterior aire alegre y desenvuelto (AYALA GAUNA, 1955, p. 13-14).

Neste trecho, destaca-se como o luto lhe tirou a alegria e a vitalidade, visto que após a morte de sua esposa, Don Frutos Gómez muda, a tristeza parece tomar conta de sua fisionomia e os seus cabelos ficam grisalhos. Neste momento, Don Juan, temendo perder o empregado e amigo, chama-o para uma conversa e trilha o caminho que o levará a *Capibara-Cué*:

Don Juan Román, gran conocedor de hombres, comprendió la causa de su transformación y una tarde lo llamó a su despacho:  
– Mirá, *Frutos* – le dijo –, vos la querías mucho a la Eduvigis...  
– Así es, don Juan, porque lo vua negar.  
– Bueno, si seguís rondando por acá donde todo tiene el perfume de su recuerdo, dentro de poco tempo la vas a seguir al cementerio.  
Frutos lo miró en silencio.  
– Como yo te aprecio mucho – continuó el estanciero – y mañana o pasado me podes hacer falta, *he resultado que te vayas de aquí...*  
– ¿Me echa, patrón? –preguntó el hombre dolorido.  
–No m’hijo. Es para tu bien y, también, para mi conveniencia, que te alejo de la estancia. *Sólo quiero que vayas de comisario a Capibara-Cué.*  
– ¿Y Pastor Amarilla?  
– No sé quien le agujereó la cabeza de un balazo. La gente anda medio entonada por esos lugares y por eso te mando a vos para que pongás orden. Y como las decisiones de Don Juan Román no se discutían, *el paisano* salió a preparar sus cosas, ensilló su caballo y puso rumbo a su nuevo destino (AYALA GAUNA, 1955, p. 14-15 – grifos nossos).

Dessa forma, a convivência como homem de confiança e como braço direito de Don Juan Román, o conduziu a delegado de *Capibara-Cué* e, de Frutos, passou a ser conhecido e tratado como Don Frutos Gómez. Essa mudança descritiva de *status* é, ainda, visível em outros vocábulos das narrativas, em que de “el paisano”, torna-se “el nuevo comisario” e o “nuevo funcionario”:

– ¿Va de paso o viene a quedarse?  
– Vengo a quedarme – respondió el interrogado y, luego, en voz audible, pero sin alardes, informó: – *Soy el nuevo comensario.*  
[...]  
– Mucho gusto, Pedro Ibáñez, a sus órdenes.  
– Fruto Gómez y lo mesmo digo.  
El moreno, sarcástico, intervino:  
– Sabe, don, que aquí la tierra es mala pa los comensarios. No dura uno ni pa rimedio...  
En el fondo se oyeron algunas risas semicontenidas.  
*El nuevo funcionario miró de arriba abajo al impertinente y respondió despreciativo (AYALA GAUNA, 1955, p. 16-17 – grifos nossos).*

Nesta exemplificação fica clara a condição de empegado executada por Don Frutos Gómez em *Capibara-Cué*. Isto é, o protagonista de Ayala Gauna não é um detetive particular como Holmes e Poirot, mas sim um servidor do Estado como o comissário Jules Maigret, de Georg Simenon. Contudo, o seu desenlace narrativo perpetua-se na literatura policial de enigma e não no romance negro, a exemplo de Simenon.

Don Frutos Gómez é, portanto, “un asalariado que vive de su trabajo” (BRACERAS, LEYTOUR e PITTELLA, 1986, p. 213). E, como qualquer funcionario, presta contas aos seus superiores:

—Pero yo ya hice 'l sumario.  
—Archívolo, Don Frutos, archívolo.  
Y como el comensario no ignoraba que el legislador con una palabra podía dejarlo en la calle, cumplió con lo ordenado (AYALA GAUNA, 1955, p. 144).

Embora subordinado, Don Frutos Gómez, não desiste de fazer justiça e “resuelve crímenes del modo más extraño para algunos; para él, del modo más natural” (VERLICHAK, 2011, p. 1), como se verá no desfecho do conto “La justicia de Don Frutos”. A respeito da natureza dos casos investigados, Dughera ([1960] 2015, p. 8), faz a ressalva de que “debe anotarse, sin embargo, que no todos los casos aclarados por Frutos Gómez giran en torno de delitos. A veces el funcionario tiene que entender en conflictos incruentos, y no en pocas, más que como policía, en amigable componedor”.

Assim, de maneira humilde, Don Frutos Gómez restaura a ordem com sensatez e rigurosidade:

– Son pa nojotro nomá – exclamó la vieja –; perdóneme, comensario.  
– Güeno... Por esta ve les perdono, pero tienen que saber que esaj cosas tienen que terminar sino quieren que las meta n'el calaboso.  
– Ta bien, gracias – dijeron las mujeres (AYALA GAUNA, 1955, p. 20).

Velichak (2011) acresce que para Don Frutos Gómez “no hay intriga que se resista” (p. 1) e, como seus casos “están todos resueltos” (EL LITORAL,

2006, p. 2), a aptidão excêntrica para verificar os fatos e resolver o mistério fizeram do delgado uma figura muito requisitada em *Capibara-Cué*:

Don Frutos se adelantó y le tendió la mano.

– Siéntese – expresó luego y le señaló una silla —. ¿Qué la trae por acá?...

Nélida Flores sonrió primero y luego respondió:

– Vine a pedirle su colaboración. Sé por referencia de los vecinos *que es un funcionario ejemplar* y muy apreciado por todos... (AYALA GAUNA, [1960] 2015, p. 14-15 – grifos nossos).

Consequentemente, “a su modo, Frutos resulta tan excêntrico como despistado, y tal como Poirot, como Monk, [...], parece más bien un antihéroe y tiene el mismo aire de nada de Miss Marple, quien siempre decía ‘la gente es igual en todos lados’” (VELICHAK, 2006, p. 1). Diante disso, para Braceras, Leytour e Pittella (1986), tendo em vista as características descritas pelo próprio autor, Don Frutos Gómez é representativo de uma paródia do detetive inglês, cuja construção se deu de maneira inversa, pois

Así como éste es generalmente un hombre culto, adinerado, que se mueve en ambientes urbanos, cosmopolitas, y que comparte intereses con la clase alta, *el comisario don Frutos es presentado como una persona sin instrucción, un asalariado que vive de su trabajo, que se desenvuelve en un perdido pueblito rural y tiene afinidad con los desposeídos* (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 213 – grifos nossos).

No que concerne ao uso da língua, destaca-se, no exemplo seguinte, o emprego de uma linguagem coloquial, ao revés da linguagem rebuscada dos Grandes Detetives, demonstrando a pouca instrução de Don Frutos Gómez:

– Tonses, pa mi ver, tiene que ser algún güespe nomá – sentenció Don Frutos (AYALA GAUNA, 1955, p. 136).

Em um espanhol, diga-se mais culto, ter-se-ia, por exemplo: “Entonces, para que yo lo vea, tiene que ser algún huésped nomás<sup>5</sup>”. Inclusive, no conto “La justicia de Don Frutos”, quando é preciso interagir com os hóspedes, o delegado envia o seu ajudante, Arzásola, que desempenha o papel de tradutor de sua fala inculta. Logo, ao deslocar a linguagem de Don Frutos para o coloquial, Ayala Gauna, faz com que o personagem se aproxime mais do povo, dos pobres e desprotegidos, enquanto que o detetive inglês permanece mais próximo das classes altas e prestigiadas.

De tal modo, de um lado, tem-se o detetive extremamente culto e polido, cuja elite é a sua clientela, e, de outro, o protagonista assalariado que, por meio da sabedoria popular, resolve os mistérios que envolvem o povoado rural de *Capibara-Cué*. Esta relação de Don Frutos Gómez com os pobres e injustiçados, assim como com o campo e a construção da sua figura de homem do litoral que o conduz à

---

<sup>5</sup> Na Espanha há o uso de “no más”, embora não seja empregada com frequência. Já “nomás” é mais utilizado na Hispanoamérica.

*Capibara-Cué* desempenhar a função de delegado, sob a indicação de seu antigo patrão, não desmerece ou inferioriza a sua atuação. Ou seja:

nuestro “rastreador” y, aun el vulgar hombre de campo, tenían el mismo poder de observación y un conocimiento empírico que balanceaba el caudal científico de Conan Doyle y que los hacía capaces de tan hábiles razonamientos deductivos como al morador de Baker Street (AYALA GAUNA, 1955, p. 10).

Diante disso, como parodiar sugere, além de criticar algo já existente, manter características semelhantes para enfatizar a sátira, nos contos policiais de Ayala Gauna, é possível visualizar, ainda, que, mesmo possuindo particularidades aquém do Grande Detetive, Don Frutos Gómez também tem êxito na resolução de seus casos. Logo, Don Frutos Gómez obtém os mesmos resultados que os Grandes Detetives, uma vez que “llega siempre a la dilucidación del misterio gracias a su penetrante inteligencia, sagacidad y poder de observación” (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 213).

Sendo assim, a exemplo de Holmes e Poirot, Don Frutos Gómez também procede à explicação de como resolveu o caso:

La que parecía ser la madre no pudo con el genio y preguntó:  
– ¿Cómo pa supiste usté que no era de verdá l’embarazo?  
– Por la manera’e caminar, cheama... Cuando una mujer está ansina anda con la cabeza p’atrás y la panza tirando p’adelante y ésta iba derecha como si se hubiera tragao un palo’ escoba, emdemá...  
– ¿Endemá qué?  
– Que con esas ancas salidas p’atrás y finitas como’e potranca no puede engañar a nadies. Laj mujere, cuando llevan una criatura adentro se ponen anchas’e caderas, pues... y basta’e esplicacione que no soy partera... Pero arricuerdensén que no quiero maj contrabando... (AYALA GAUNA, 1955, p. 20).

Nunes (2014, p. 40), ressalta que no “final de toda narrativa de enigma, porém o detetive sempre explica o caso nos mínimos detalhes, ao narrador e ao leitor, enumerando todos os passos da sua mente brilhante”. Como se verá na primeira parte do conto “La justicia de Don Frutos”, a explicação da resolução do enigma instaurado ocorre tal qual ao modelo tradicional, entretanto, no desfecho da segunda parte, a explicação de Don Frutos Gómez se dá de modo paródico e inusitado.

#### 4 O conto: “La justicia de don frutos”

##### LA JUSTICIA DE DON FRUTOS

Velmiro Ayala Gauna

El administrador de la estancia “The Green Land”, más conocida en Capibara-Cué por “L'estancia 'e loj inglese”, se golpeó con la fusta la brillante caña de charol de la bota, de su pierna izquierda y dijo:

- El caso es muy delicado, don Frutos... Desde hace algún tiempo vienen desapareciendo cosas del poder de nuestros huéspedes.

- ¿Qué cosas, por ejemplo?

- Una cigarrera de oro de la señora López Arango, un anillo con un topacio de la señora Schinck, la cartera con \$ 200 al señor Da Souza y, ayer, un prendedor de la señorita Morgan. Al principio pensé que serían pérdidas o extravíos, pero la repetición de los mismos es sospechosa.

- ¿Por qué no denunció al principio? – deslizó el oficial Arzásola.

- Nuestros huéspedes son todas personas de dinero y no quieren escándalo.

- ¿Podría ser alguno de la servidumbre? – prosiguió el sumariante.

- Así lo creíamos al comienzo, pero los criados son de toda confianza y hace años vienen desempeñando las mismas funciones, sin que nunca ocurriera nada. Por otra parte, registramos sus ropas y pertenencias sin hallar los objetos perdidos.

- ¿Y cómo pa jue lo 'e ayer? – preguntó el comisario.

- La señorita Morgan dice que, cuando despidió a la mucama, a las 10 de la noche, todavía tenía el broche. Después estuvo jugando al bridge con las otras damas y que, luego, al ir a su dormitorio, lo dejó sobre el "toilette" para darse primeramente una ducha, porque la noche era calurosa. Cuando salió del baño fue a la cama, directamente, y esta mañana, al despertarse, recordó que no había guardado la joya y al intentar hacerlo ya no la encontró.

- ¿La mucama pudo haber vuelto?

- No, señor. La servidumbre se retira a las 10 de la noche y está alojada en otra sección completamente separada. Los huéspedes viven en un ala del chalet, con una sola puerta de acceso cuya llave está siempre en mi poder.

- Tonses, pa mi ver, tiene que ser algún güespe nomá – sentenció don Frutos.

- Es absurdo, señor comisario – protestó el administrador -. Todos son gente de alcurnia e intachables antecedentes...

- Pu acá solemos decir: “Tuitos somo onraos, pero el poncho no aparece”.

- ¿Y qué desea de nosotros? – interrumpió el oficial, viendo al visitante un poco molesto por la crudeza de las sugerencias de su superior.

- Me gustaría que uno de ustedes fuese a la estancia como invitado y tratase de aclarar el asunto, pero sin hacer preguntas enojosas y con mucho tacto ya que son gente de sociedad y muy puntillosa.

- ¿Loj hombre tamién? – preguntó don Frutos.

- Los hombres más, todavía.

- Cha digo, yo creí que sólo las mujeres tenían puntillas.

- No, quiere decir que se enojan fácilmente – aclaró Arzásola.

- Güeno – accedió don Frutos –, esta tarde lo vua mandar al ofisial que sabe andar entre esa clase 'e personas y comer con tuito ese cubierterío que le ponen. Yo apenas si sé usar el cuchillo, la cuchara y el tenedor y hasta me bastan los dedos y el cuchillo **cuando es asao...**

Desde que los visitantes de la estancia eran completamente ajenos a la zona convinieron en presentar a Arzásola como al hijo de un estanciero de las vecindades y fijaron la hora en que iría, por la tarde, tras lo cual el administrador se retiró.

Luego el comisario dijo al cabo Leiva:

- Agarra 'l máuser y te cruzas pa l'isla. Vas y matas un yacaré a loj grahdote y...

- Ta güeno, mi comesario – dijo el aludido y salió a cumplir su diligencia.

- Vo Ojeda – mandó al agente – toma esto \$ 50 y decile 'l almacenero que te la cambee por plata paraguaya que abulta mucho.

Enseguida, dirigiéndose a su ayudante, le dijo:

- En cuanto a vo m'hijo, escúchame bien...

Le dio una serie de instrucciones y finalizó:

- Tonse, te acercas a la ventana y hasé una señal con la linterna que yo vua dir.

Mister Henry Williams, uno de los dueños de la estancia fue el encargado de introducir al oficial en el círculo selecto de sus amistades.

– El señor Luis Arzásola...

La señora Schinck, alta, flaca y seca, apenas si movió la cabeza en un esbozo de saludo. En cambio sus dos sobrinas, las señoritas Isabelle Morgan y Elsie Best le sonrieron complacidas.

– ¿Juega al tenis, señor Arzásola? – preguntó la primera.

– Un poco.

– Muy bien, si quiere, mañana podemos practicar.

– Complacido.

La marquesa de Encinares lo miró a través de sus impertinentes con aros de oro y preguntó:

– ¿Emparentado seguramente con los condes de Arzásola y Mendia de San Sebastián?

– No, señora. Mi familia, que yo sepa, ha sido siempre de la clase media.

Y así fue conociendo al esposo de la marquesa, un buen hombre obeso y calvo, dueño de una hilandería, al señor López Arango y señora y a varios otros invitados.

Una joven llamada Arlette Dubois, novia del hijo de Mr. Williams, le preguntó:

– ¿Ha leído usted a Mallarmé, señor Arzásola?

– Sí, señorita, y también a Apollinaire, aunque prefiero a los poetas ingleses, Shelley, por ejemplo.

– Igual que yo – intervino Elsie Best, y, en seguida, prosiguieron hablando de literatura.

Cumpliendo las instrucciones de don Frutos sacaba a cada instante su abultada cartera y repartía tarjetas como si fuera un provinciano ostentoso. Antes de la cena, dijo como al descuido a la señorita Morgan, pero con voz suficientemente audible para todos:

– Bueno, voy a dejar esta pequeña maleta en mi pieza. No acostumbro a andar con tanta plata encima, pero, como vine a vender una tropa de novillos...

– Yo que usted, señor Arzásola... – empezó la señorita Morgan.

Pero una fría mirada de la señora Schinck la detuvo.

– ¿Qué iba a decir, señorita?

– Nada, era algo sin importancia.

– Con su permiso, entonces.

Fue a su habitación, se colocó unos guantes y cambió los billetes de la cartera por otros que le había dado don Frutos y estaban en una caja. Distribuyó los suyos en los bolsillos y, dejando la cartera sobre la mesa de luz, salió cerrando solamente la puerta con tela metálica que impedía la entrada de insectos detrás de la cual se veían perfectamente los objetos de la pieza.

Luego fue a reunirse con los demás, bebió unos copetines, bailó con las jóvenes y durante la cena conversó animadamente con sus compañeros ocasionales. Terminada ésta pasaron al salón de fumar a contar anécdotas y tomar café, mientras las damas se retiraban, por un momento, a sus alojamientos, para volver al rato al comedor ya arreglado para las partidas de naipes, ajedrez, damas o dominó según sus preferencias.

Arzásola también fue a su cuarto, vio que de la mesita de luz había desaparecido la cartera, pero no se afligió. Se acercó a la ventana y encendió y apagó tres veces la luz de una linterna que guardaba entre sus ropas, luego de lo cual se fue a integrar una partida de póker.

A las 10 de la noche se retiraron los sirvientes y sólo quedaron los invitados, el bufetero y el administrador.

Después de un rato se oyeron unos golpes a la puerta y el último de los nombrados acudió a abrir.

– ¿Quién podrá ser a estas horas? – dijo mister Williams.

– Alguna mucama que se olvidó de hacer algún encargo – sugirió la señora de Schinck.

Pero todos callaron cuando vieron al administrador avanzar seguido por la torpe figura de don Frutos.

– Güeñas noches, señor Güilliams – dijo a modo de introito – pasaba por estas cercanías y quise entrar a saludar a sus convidados...

– El señor es don Frutos Gómez – explicó el dueño –, comisario de Capibara-Cué.

– Antonio López Arango – dijo el más próximo y le tendió la mano.

Don Frutos se la estrechó y luego hizo el gesto característico en él de mesarse la barba.

– Mi señora – volvió a agregar el primero.

Entonces, haciendo una reverencia al estilo palaciego, el comisario se inclinó sobre la mano como si fuera a besarla, pero sin llegar a ella.

– ¡Qué versallesco! – dijo la impetuosa señorita Morgan –. Preséntemelo.

El oficial así lo hizo y don Frutos repitió el gesto. Los invitados se esforzaban por reprimir una sonrisa, pero don Frutos prosiguió saludando a todos en idéntica forma.

Luego dijo:

– Aura, don Güilliams, quiesiera haular con usté y l'administrador siempre que los demás me deán su lisensia.

– Concedido – dijo la alegre Isabelle Morgan e imitó burlescamente la reverencia.

Los tres hombres se retiraron hacia una oficina y los demás continuaron comentando las anticuadas maneras del funcionario lugareño.

Al rato el administrador se acercó a Arzásola y le dijo:

– ¿Podría venir conmigo un ratito?

El oficial lo siguió y la señorita Best preguntó a su prima, la señorita Morgan:

– ¿Para que lo querrán?

– A lo mejor para completar una mesita de “póker”, porque ya se le adelantó el marqués.

Cuando el oficial entró en la oficina encontró a míster Williams visiblemente excitado, diciendo:

– No puedo aceptar tal cargo y responsabilizo a usted por las consecuencias.

– Pero sí don Güilliams, yo me responsabilizo.

– ¿Qué ocurre, señores? – interrogó el marqués.

– Es algo horrible, increíble... Pero yo me lavo las manos en este asunto.

– Deje nomá que yo le vua esplicar – continuó imperturbable don Frutos –. El caso es que aquí han andao perdiéndose cosas.

– Hoy a mí me robaron la cartera – agregó Arzásola.

– ¡Y yo qué tengo que ver con ello! No pretenderá usted que... – se indignó el aristócrata.

– Usté no, pero su mujer sí – dijo don Frutos.

– ¡Cómo se atreve a decir semejante insolencia!

– Sencillo, porque le tendí una trampa y cayó.

– Si usted no estuvo por acá...

– Yo no, pero mi oficial sí...

– El señor... el señor... ¿no es hijo de un estanciero, entonces?

– Apenas si oficial de policía – contestó el aludido.

– Pero es absurdo... – intervino el dueño –. Es una acusación monstruosa... ¿Cómo puede probarlo?

– Registrando la pieza. Allí estarán las cosas robadas, pues...

– Usted no puede estar seguro de ello.

– Y güeno, vamoj a ver. La plata que l'ofisial puso en la cartera estaba frotada con l'asmicle.

– ¿Qué es eso?

– Almizcle. Una substancia odorífera que tienen algunos saurios – explicó el oficial.

– Exacto, es el tufo que echan los yacareses y que tienen n'unas bolsitas: dos en las carretillas y dos en la cola; la catinga es juerte y dura pa salir.

– No entiendo – siguió diciendo míster Williams mientras el marqués estaba pálido e inquieto.

– ¡Pero si está claro! Cuando yo le daba la mano a loj hombres y dispué me la pasaba por la barba era pa sentirle l'olor. Con las damas era más fásil porque al

inclinarme sobre la mano le podía ver si jedía a yacaré, y la de la marquesa tenía un olor que se sentía a pesar del perfume, y tenses me dije: “Ésta es la que sacó la plata”.

– ¿Basta! No siga que tiene razón – concedió el marqués –. Pagaré lo que sea, pero que el asunto no se haga público. Mi pobre mujer ha vuelto a las andadas, aunque ya la creía curada, porque la pobre es cleptómana...

– Pa mí es robona. – expresó don Frutos –. Y pa la justicia igual que todos, así qué me la vua llevar.

Mas el dueño, el administrador y el marqués argüyeron tanto, prometiéndola llevar al otro día, y como no había, por otra parte, una acusación formal, don Frutos accedió a no detenerla por el momento.

Pero en lugar de la inculpada, a la otra tarde, se apareció el diputado del departamento con míster Williams y el marqués.

– Vea, comisario – le dijo el primero –, vengo de conversar con la señora y todo ha sido una broma. Aquí tiene la cartera del oficial con el dinero.

– Pero yo ya hice 'l sumario.

– Archívelo, don Frutos, archívelo.

Y como el comisario no ignoraba que el legislador con una palabra podía dejarlo en la calle, cumplió con lo ordenado.

En los tiempos de miseria que siguieron al año 1930, en las escuelas funcionaban "comedores escolares" donde los niños recibían la limosna del mendrugo que no podían ganar sus padres por la desocupación imperante en el país. El de Capibara-Cué pasaba por momentos angustiosos, y el director, Osvaldo Bertelli, acudió al comisario en busca de ayuda y consejo.

– Ya no sé qué hacer, don Frutos. El almacenero me da maíz pisado para el loco, algunos padres mandan mandioca y porotos, pero los más de los días debo darles solamente el maíz sancochado.

– Es que tuitos pu acá andan de la cuarta al pértigo... ¿Y los estancieros no dan carne?

– Prometen, prometen... pero se olvidan.

– Güeno, ya veré lo que se puede hacer.

Estuvo cavilando un rato y después preguntó al oficial:

– ¿Cómo pa era l'enfermedá 'e la marquesa?

– Cleptomanía. Es un caso psicopático por el cual algunas personas sienten como una fuerza irresistible que las impulsa a cometer esos robos.

– Ya sé, es maj o meno lo que pasa con l'alcool: el rico se divierte y el pogue se emborracha, aquí l'infelí es un ladrón y el copetudo padece de...

– Cleptomanía.

Una luz de astucia brilló en los ojos de don Frutos y luego de un rato llamó al cabo Leiva para decirle:

– Aura que me acuerdo, cuando lo tengas a tiro al Ánacleto Vallejos, l'hijo 'e doña Abstinencia, le decís que lo quiero haular.

Pasaron los días y una tarde Bertelli llegó contento a decir:

– Vea, don Frutos, bien dice el refrán: "Dios aprieta pero no ahoga". Resulta que enterado de lo mal que andaba el comedor, Anacleto Vallejos me ha dado unas gallinas, después un cordero, más tarde otra vez gallinas y, ayer, me trajo un cuarto de res.

El que vino furioso, en cambio, fue el administrador de la estancia a denunciar que personas desconocidas saqueaban los gallineros y los galpones.

– Ta bien, vua dir a vigilar – contestó don Frutos.

Pero el tiempo pasó y los hechos siguieron repitiéndose, por lo que el afectado montó guardia por su cuenta y así consiguió apresar al culpable, a quien trajo una mañana, con las manos atadas a la espalda y custodiado por dos peones.

– Aquí tiene al delincuente y espero, don Frutos, que le haga sentir el rigor de la ley – dijo al dejarlo.

– Ta güeno – respondió el comisario –. Vua a estudiar l'asunto.

Grande fue la cólera del administrador cuando supo que el ladrón, que no era otro

que Anacleto Vallejos, andaba en libertad por el pueblo, a las pocas horas de haber sido dejado en la comisaría.

Fue furioso a interpelar a la autoridad exigiendo explicaciones.

– Veá, don – repuso don Frutos –, he descubiertu que el pogue no es ladrón sino enfermo.

El otro quedó con la boca abierta y el comisario prosiguió:

– Sí, padece de anacletomanía...

– ¿Y eso qué es?

– Una manía de Anacleto p'ayudar a loj niño 'e la escuela. Como naidés lo hace...

– Pido que se haga justicia.

– Bien, al sumario lo tengo listo, está en yunta con el de la marquesa, pero... ¿por qué no le haula a don Güilliams? Si él lo esige vua mandar los dos a la capital al juez, para que los examine ya que si me hase que lo do sufren 'e la mesma cosa...

Pero don Williams prefirió echar tierra sobre el asunto y, después de hablar con don Frutos para retirar la denuncia, le dijo:

– Y ahora, comisario, dígale al director de la escuela que desde mañana haga retirar diez kilos de carne de la estancia para los niños.

– Gracias, don Güilliams, y pierda cuidado que si alguno se quiere contagiar 'e la anacletomanía lo vua curar a rebencazos.

**Fonte:** [http://drive.google.com/file/d/1Myx5HnBGcHIE3XK\\_j6CS8opjebWrHMU9/view](http://drive.google.com/file/d/1Myx5HnBGcHIE3XK_j6CS8opjebWrHMU9/view)

## 5 A dualidade narrativa e o desfecho insólito no conto “La justicia de Don Frutos”

O conto policial “La justicia de Don Frutos”, de Ayala Gauna, foi construído sob o prisma de duas histórias que se complementam, sendo a última subordinada à primeira. Nesta dupla construção, o escritor leva a justiça do protagonista *costumbrista* aonde à justiça instituída não foi aplicada e, de maneira, peculiar e insólita, dá uma lição àqueles que tentam sobrepor-se à lei.

Nessa dupla composição narrativa, observou-se que a primeira parte da história termina sem a punição do criminoso, haja vista a interferência de um superior de Don Frutos Gómez que, de certo modo, nega-lhe o cumprimento da lei. Contudo, no desenrolar dos dias seguintes, um fato levado ao conhecimento de Don Frutos Gómez, lhe permite dar uma lição em parte dos envolvidos. Por conseguinte, tem-se a aplicação da justiça de Don Frutos.

Entretanto, essa dualidade de histórias não deve ser confundida com a perspectiva global defendida por Michel Butor, quando trata das duas ações temporais presentes nos romances policiais de enigma. As séries temporais ao que o autor se refere consistem nos “dias de investigação que começam com o crime, e [n]os dias do drama que levam a ele” (BUTOR *apud* TODOROV, 2003, p. 66).

Assim, no conto em análise, além das duas partes da história, que se complementam para o desfecho insólito, também é possível verificar a presença desse duo temporal de Butor com a notificação do crime cometido

(desaparecimento de objetos de valor de alguns hóspedes e, posteriormente, a dos animais na instância), e a investigação para encontrar os culpados:

[Primeira parte]

– El caso es muy delicado, don Frutos... Desde hace algún tiempo vienen desapareciendo cosas del poder de nuestros huéspedes.

– ¿Qué cosas, por ejemplo?

– Una cigarrera de oro de la señora López Arango, un anillo con un topacio de la señora Schinck, la cartera con \$ 200 al señor Da Souza y, ayer, un prendedor de la señorita Morgan. Al principio pensé que serían pérdidas o extravíos, pero la repetición de los mismos es sospechosa.

[...]

– ¿Y qué desea de nosotros? —interrumpió el oficial, viendo al visitante un poco molesto por la crudeza de las sugerencias de su superior.

– Me gustaría que uno de ustedes fuese a la estancia como invitado y tratase de aclarar el asunto, pero sin hacer preguntas enojosas y con mucho tacto ya que son gente de sociedad y muy puntillosa.

[...]

Mister Henry Williams, uno de los dueños de la estancia fue el encargado de introducir al oficial en el círculo selecto de sus amistades.

– El señor Luis Arzásola... (AYALA GAUNA, 1955, p. 135-138).

[Segunda Parte]

El que vino furioso, en cambio, fue el administrador de la estancia a denunciar que personas desconocidas saqueaban los gallineros y los galpones.

– Ta bien, vua dir a vigilar —contestó don Frutos (AYALA GAUNA, 1955, p. 145-146).

Nesta perspectiva de dualidade, tem-se, de um lado, a história do crime e, de outro, a da investigação que começa quando a primeira já terminou, tal qual estabelece o modelo clássico de literatura policial de enigma. O diferencial investigativo se instaura, na primeira parte, pelo desconhecimento da identidade do criminoso, logo o interesse em pegar o culpado; e, na segunda parte, pelo desinteresse em encontrar o criminoso, cuja identidade Don Frutos já tinha conhecimento, uma vez que a finalidade deste desfecho subordinado consistia em dar uma lição nos personagens da história anterior.

Outra questão ainda a ser observada nessa relação, diz respeito ao início da história. Na primeira parte, tem-se o cumprimento clássico da história de enigma ao iniciar com o crime e/ou sua notificação, porém, na segunda parte, essa trama ocorre apenas na metade da narrativa, pois, antecede a ela uma ação ou “armação” que leva à prática do delito. Confirmando a tese de que “a grande maioria dos textos policiais é organizada ao longo de um eixo central da elucidação, desde o mistério inicial (assassinato) até a resolução (identificação do culpado)” (A CONSEIL GÉNÉRAL DE MAINE-ET-LOIRE, 2010, p. 1).

Dessa forma, pode-se concluir também que, o conto em questão, apresenta os três personagens-chave das narrativas de crime: o(s) criminoso(s), a(s) vítima(s) e

---

<sup>6</sup> Trecho original: la grande majorité des textes policiers s’organise le long d’un axe central de l’élucidation depuis de mystère initial (le meurtre) jusqu’à la résolution (l’identification du coupable)” (A CONSEIL GÉNÉRAL DE MAINE-ET-LOIRE, 2010, p. 1).

o detetive, cujas ações em volta do enigma, mantêm o suspense e o mistério ao longo do enredo, uma vez que

é o suspense acerca da identidade do criminoso que mantêm o leitor preso à narrativa do início ao fim e que é responsável pelo desenrolar da trama. Isso porque, as ações do detetive determinam as ações do criminoso, ou seja, enquanto não tiver a identidade revelada, o criminoso pode continuar fazendo novas vítimas. (MASSI, 2009, p. 80).

Portanto, baseado no suspense da identidade do culpado e na continuidade de delitos criminosos, Don Frutos Gómez, assim como os Grandes Detetives, dá início à investigação e prepara uma armadilha para capturar o culpado:

Desde que los visitantes de la estancia eran completamente ajenos a la zona convinieron en presentar a Arzásola como al hijo de un estanciero de las vecindades y fijaron la hora en que iría, por la tarde, tras lo cual el administrador se retiró.

Luego el comisario dijo al cabo Leiva:

– Agarra 'l máuser y te cruzas pa l'isla. Vas y matas un yacaré a loj grahdote y...

– Ta güeno, mi comesario – dijo el aludido y salió a cumplir su diligencia.

– Vo Ojeda – mandó al agente – toma esto \$ 50 y decile 'l almacenero que te la cambee por plata paraguaya que abulta mucho.

Enseguida, dirigiéndose a su ayudante, le dijo:

– En cuanto a vo m'hijo, escúchame bien...

Le dio una serie de instrucciones y finalizó:

– Tonse, te acercas a la ventana y hasé una señal con la linterna que yo vua dir.

[...]

Cumpliendo las instrucciones de don Frutos sacaba a cada instante su abultada cartera y repartía tarjetas como si fuera un provinciano ostentoso. Antes de la cena, dijo como al descuido a la señorita Morgan, pero con voz suficientemente audible para todos:

– Bueno, voy a dejar esta pequeña maleta en mi pieza. No acostumbro a andar con tanta plata encima, pero, como vine a vender una tropa de novillos... (AYALA GAUNA, 1955, p. 137-139).

Nesse processo, o escritor vai produzindo pistas e, ao estabelecer pontos consistentes de raciocínio, dá, ao leitor, a oportunidade de decifrar o enigma. Entretanto, frequentemente, o leitor não descobre por si só o criminoso e o detetive vira um herói. Mas não é somente o consumidor de histórias policiais que fica à margem da identificação do culpado e, principalmente, da resolução do mistério. O parceiro do detetive e outros personagens envolvidos, apesar de participarem, muitas vezes, da execução da trama, não alcançam o entendimento do desfecho e necessitam de esclarecimentos:

– Aura, don Güilliams, quiesiera haular con usté y l'alministrador siempre que los demás me deán su lisensia.

[...]

– ¿Qué ocurre, señores? – interrogó el marqués.

– Es algo horrible, increíble... Pero yo me lavo las manos en este asunto.

—Deje nomá que yo le vua explicar – continuó imperturbable don Frutos

—. El caso es que aquí han andao perdiéndose cosas.

– Hoy a mí me robaron la cartera – agregó Arzásola.  
 – ¡Y yo qué tengo que ver con ello! No pretenderá usted que... – se indignó el aristócrata.  
 – Usté no, pero su mujer sí – dijo don Frutos.  
 – ¡Cómo se atreve a decir semejante insolencia!  
 – Sencillo, porque le tendí una trampa y cayó.  
 – Si usted no estuvo por acá...  
 – Yo no, pero mi oficial sí ...  
 – El señor... el señor... ¿no es hijo de un estanciero, entonces?  
 – Apenas si oficial de policía – contestó el aludido.  
 – Pero es absurdo... – intervino el dueño —. Es una acusación monstruosa... ¿Cómo puede probarlo?  
 – Registrando la pieza. Allí estarán las cosas robadas, pues...  
 – Usted no puede estar seguro de ello.  
 – Y güeno, vamoj a ver. La plata que l'ofisial puso en la cartera estaba frotada con l'asmicle.  
 – ¿Qué es eso?  
 – Almizcle. Una substancia odorífera que tienen algunos saurios – explicó el oficial.  
 – Exacto, es el tufo que echan los yacareses y que tienen n'unas bolsitas: dos en las carretillas y dos en la cola, la catanga es juerte y dura pa salir.  
 – No entiendo – siguió diciendo míster Williams mientras el marqués estaba pálido e inquieto.  
 – ¡Pero si está claro! Cuando yo le daba la mano a loj hombres y dispué me la pasaba por la barba era pa sentirle l'olor. Con las damas era más fásil porque al inclinarme sobre la mano le podía ver si jedía a yacaré, y la de la marquesa tenía un olor que se sentía a pesar del perfume, y tonses me dije: “Ésta es la que sacó la plata”.  
 – ¿Basta! No siga que tiene razón – concedió el marqués [...] (AYALA GAUNA, 1955, p. 141-143).

Nunes (2014, p. 38) esclarece que “apenas os seres com grande capacidade analítica, como os detetives das histórias policiais, conseguem chegar ao criminoso e explicar, no desfecho da narrativa, os passos que os levaram à solução incontestável do mistério”. Desta forma, uma vez elucidado o mistério e identificado o criminoso, deve-se puni-lo pela desordem e desrespeito à lei:

[...] Pagaré lo que sea, pero que el asunto no se haga público. Mi pobre mujer ha vuelto a las andadas, aunque ya la creía curada, porque la pobre es cleptómana...  
 – Pa mí es robona. – expresó don Frutos —. Y pa la justicia igual que todos, así qué me la vua llevar (AYALA GAUNA, 1955, p. 143).

Nas palavras de Pires (2010, p. 2) o romance “policial também demonstra que, não pode haver crime perfeito, logo, ilegalismo sem punição. Na ficção romanesca, não haveria lugar para a impunidade, já que a ordem social concebe o delito como uma anomalia, uma violação da lei”:

Mas el dueño, el administrador y el marqués argüyeron tanto, prometiéndola llevar al otro día, y como no había, por otra parte, una acusación formal, don Frutos accedió a no detenerla por el momento.  
 Pero en lugar de la inculpada, a la otra tarde, se apareció el diputado del departamento con míster Williams y el marqués.  
 —Vea, comisario —le dijo el primero—, vengo de conversar con la señora y todo ha sido una broma. Aquí tiene la cartera del oficial con el dinero.

—Pero yo ya hice 'l sumario.

—Archívelo, Don Frutos, archívelo.

Y como el comisario no ignoraba que el legislador con una palabra podía dejarlo en la calle, cumplió con lo ordenado (AYALA GAUNA, 1955, p. 143-144).

Assim, como já mencionado anteriormente, Don Frutos Gómez, por ser um assalariado, um funcionário do Estado, corresponde às ordens de seus superiores, mesmo que a contragosto. Contudo, não é nesse desfecho que se cumpre o insólito da narrativa, mas sim no desenvolvimento da segunda parte do relato que, “a nivel del desarrollo de los hechos, [...] sería la realización del deseo de hacer justicia – tanto por don Frutos como por el lector – que había quedado postergado en la primera parte” (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 218).

Logo, o predomínio da oposição nesta narrativa de crime (“estancia” x “pueblo”, rico x pobre, estrangeiro x crioulo, cidade x campo, protegidos x desprotegidos) tem algo em comum, Don Frutos Gómez, que busca dirimir essa diferença, uma vez que estes dois lugares estão afastados pela

distancia y por la clase social que los habita. El vínculo de unión entre ambos es don Frutos, que sabe lo que de verdad sucede en uno y otro. Y es él quien logra igualarlos por una vez cuando reúne los dos sumarios por robo – el de la marquesa y el de Anacleto Vallejos – y los enlaza bajo el mismo título: cleptomanía (BRACERAS, LEYTOUR e PITTELLA, 1986, p. 215).

É justamente o emprego do vocábulo “cleptomania” que justifica a subordinação da segunda história à primeira, uma vez que é por meio desse elemento lexical que ambas as partes unem-se para fazer justiça e manter o tom satírico da narrativa:

– Aquí tiene al delincuente y espero, don Frutos, que le haga sentir el rigor de la ley – dijo al dejarlo.

– Ta güeno – respondió el comisario —. Vua a estudiar l'asunto.

Grande fue la cólera del administrador cuando supo que el ladrón, que no era otro que Anacleto Vallejos, andaba en libertad por el pueblo, a las pocas horas de haber sido dejado en la comisaría.

Fue furioso a interpelar a la autoridad exigiendo explicaciones.

– Vea, don – repuso don Frutos —, he descubierto que el pogre nu es ladrón sino enfermo.

El otro quedó con la boca abierta y el comisario prosiguió:

– Sí, padece de anacletomanía...

– ¿Y eso qué es?

– Una manía de Anacleto p'ayudar a loj niño 'e la escuela. Como naides lo hace... (AYALA GAUNA, 1955, p. 145-146).

Mas como o próprio título do conto sugere, Don Frutos procura ser justo e fazer justiça, pois a lei é igual para todos, sejam ricos ou pobres. Se ela é aplicada a estes, os primeiros também precisam ser punidos. E, caso isso não ocorra, como se verificou na primeira parte do conto, Don Frutos vale-se de sua audácia

para levar justiça aos desprotegidos, visto que se o rico é doente, consequentemente, o pobre também o é.

Entretanto, o emprego do trocadilho somente terá o efeito esperado em Mr. Williams mais adiante, quando Don Frutos Gómez sugere fazer cumprir a lei em comodato com o delito da marquesa, uma vez que, na visão do delegado, ambos padecem da mesma enfermidade:

– Bien, al sumario lo tengo listo, está en yunta con el de la marquesa, pero... ¿por qué no le haula a don Güilliams? Si él lo esige vua mandar los dos a la capital al juez, para que los examine ya que si me hase que lo do sufren 'e la mesma cosa... (AYALA GAUNA, 1955, p. 146).

Nesta acepção, a justiça que Don Frutos Gómez “administra busca suprimir esa diferencia entre protegidos y desprotegidos por la ley, poniendo al mismo nivel a los ladrones (la marquesa y Anacleto Vallejos), aunque pertenezcan a distinto grupo” (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 215):

– ¿Cómo pa era l'enfermedá 'e la marquesa?  
– Cleptomanía. Es un caso psicopático por el cual algunas personas sienten como una fuerza irresistible que las impulsa a cometer esos robos.  
– Ya sé, es maj o meno lo que pasa con l'alcool: el rico se divierte y el pogre se emborracha, aquí l'infelí es un ladrón y el copetudo padece de...  
– Cleptomanía (AYALA GAUNA, 1955, p. 144-145).

Neste sentido, o escritor demonstra como a injustiça permeia as classes mais pobres e como os desprotegidos padecem. Assim, caso a lei do Estado não seja aplicada, como aconteceu no desfecho da primeira parte, Don Frutos Gómez encontra uma maneira de aplicar a sua, haja vista a sua complacência com os mais pobres e injustiçados.

Desse modo, Don Frutos logra êxito ao igualar os delitos e os criminosos porque o enigma apresentado por Mr. Williams, na segunda parte da narrativa, não lhe era um mistério, uma vez que foi o próprio delegado quem o arquitetou:

– Ya no sé qué hacer, don Frutos. El almacenero me da maíz pisado para el locro, algunos padres mandan mandioca y porotos, pero los más de los días debo darles solamente el maíz sancochado.  
– Es que tuitos pu acá. andan de la cuarta al pértigo... ¿Y los estancieros no dan carne?  
– Prometen, prometen... pero se olvidan.  
– Güeno, ya veré lo que se puede hacer.  
[...]  
Una luz de astucia brilló en los ojos de don Frutos y luego de un rato llamó al cabo Leiva para decirle:  
– Aura que me acuerdo, cuando lo tengas a tiro al Anacleto Vallejos, l'hijo 'e doña Abstinencia, le decís que lo quiero haular.  
Pasaron los días y una tarde Bertelli llegó contento a decir:  
– Vea, don Frutos, bien dice el refrán: "Dios aprieta pero no ahoga". Resulta que enterado de lo mal que andaba el comedor, Anacleto Vallejos me ha dado unas gallinas, después un cordero, más tarde otra vez gallinas y, ayer, me trajo un cuarto de res (AYALA GAUNA, 1955, p. 144-145).

Destarte, “el enigma, entonces, no es enigma para él, sino para el lector, y para el personaje – el administrador de la estancia – que hace una denuncia por robo” (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 217):

El que vino furioso, en cambio, fue el administrador de la estancia a denunciar que personas desconocidas saqueaban los gallineros y los galpones. (AYALA GAUNA, 1955, p. 144-145).

Diante disso, é exclusivamente após a queixa do roubo e, conseqüentemente, da captura do suspeito pela própria vítima, que o leitor toma conhecimento da identidade do criminoso e descobre a analogia entre as duas partes da narrativa. E isso somente é possível porque “el relato policial exige del escritor, además del dominio técnico, un ordenamiento riguroso de la trama: debe crear hechos y vincularlos con lógica anterior” (Editorial Estrada, 2010, p. 1).

No entanto, assim como Pires (2010), Nunes (2014) também reforça que não pode haver impunidade, portanto, o criminoso precisa ser punido, uma vez que o “romance de enigma é o império do final feliz, onde o criminoso é sempre apanhado, a justiça é sempre feita, o crime não compensa e no final a legalidade, os valores, a sociedade burguesa sempre triunfam” (MANDEL, 1988, p. 80 *apud* NUNES, 2014, p. 39). Contudo, “La justicia de Don Frutos” rompe com algumas dessas regras, pois Don Frutos, ao seu modo peculiar, dá uma lição na classe “burguesa” que, neste conto, não triunfa como esperava e, apesar de não levar os criminosos a julgamento, faz justiça aos desprotegidos e repreende aos protegidos.

Igualmente, se o bom detetive é aquele que “tem raciocínio fora do comum, é visto, então, como um herói, como aquele que pega o criminoso, aplica a lei e restabelece a paz” (NUNES, 2014, p. 39), pode-se afirmar que Don Frutos Gómez faz jus ao título, tendo em vista que não dá margem para que o crime se instaure e dissuade qualquer um de cometê-lo:

– Gracias, don Güilliams, y pierda cuidao que si alguno se quiere contagiar 'e la anacletomanía lo vua curar a rebencazos (AYALA GAUNA, 1955, p. 146).

Assim, o herói protagonista de Ayala Gauna “no es un detective aficionado, sino un comisario de policía, y su caracterización reviste un fuerte tono paródico” (BRACERAS; LEYTOUR; PITTELLA, 1986, p. 213), que também pode ser observado em sua linguagem, outra violação ao modelo clássico de narrativas policiais:

– Pu acá solemos decir: “Tuitos somos onraos pero el poncho no aparece” (AYALA GAUNA, 1955, p. 136).

Don Frutos emprega verbalmente uma linguagem coloquial, que transgredir os padrões normativos da língua espanhola, evidenciando a sua pouca instrução que é

ressaltada por Ayala Gauna inclusive em trocas gráficas de “s”, “c”, “z” ou “x”, como, por exemplo, em “ofisial” (oficial), “asmicle” (almizcle), “tonses” (entonces), “esige” (exige), nos diálogos do personagem:

– Y güeno, vamoj a ver. La plata que *l’ofisial* puso en la cartera estaba frotada con *l’asmicle*.  
[...] y *tonses* me dije: Ésta es la que sacó la plata.  
[...] Si él lo *esige* vuo a mandar los dos a la Capital al juez [...] (AYALA GAUNA, 1955, p. 143-146 – grifos nossos).

Em “asmicle” observa-se, ainda, a troca das consoantes “l” por “s” e a ausência de “z” no momento da pronúncia, corroborando para intensificar a coloquialidade da fala do delegado, tal qual ocorre no trecho a seguir com a omissão de “b” (también) e com a perda, traço muito característico da oralidade, da marcação do plural em “os homem”:

– ¿Loj hombre tamién? – preguntó don Frutos (AYALA GAUNA, 1955, p. 137).

Quanto à simplicidade de Don Frutos, o próprio personagem deixa bem claro isto no texto ao dizer que vai mandar um oficial que sabe se portar formalmente entre os hóspedes, uma vez que ele mal sabe comer de garfo e faca:

– *Güeno* – accedió Don Frutos –, esta tarde lo *vua* mandar al *ofisial* que sabe andar entre esa clase ’e personas y comer con tuito ese cubierterío que le ponen. Yo apenas si sé usar el cuchillo, la cuchara y el tenedor y hasta me bastan los dedos y el cuchillo cuando es *asao*... (AYALA GAUNA, 1986, p. 126-127 – grifos nossos).

Neste trecho destacam-se três vocábulos da linguagem coloquial: *güeno*, *vua* e *asao*. Para estes usos ter-se-ia *Bueno*, *voy* e *asado*. Em “güeno” observa-se a troca de “b” por “g” muito comum na língua espanhola. Já em “vua” verifica-se uma elisão de duas palavras “voy” e “a”, uma vez que o verbo “ir” solicita a preposição “a”. Nesta expressão “vua”, tem-se uma marca corriqueira da oralidade, que consiste na supressão de algumas letras para dar fluidez e movimento à linguagem, e que é transferida para a escrita para simbolizar as particularidades da fala do personagem. A perda da letra “d” em participios é um traço frequente na Língua Espanhola, como em “partio” (partido), por exemplo. Novamente, em *ofisial*, observa-se a troca da consoante c por s, traço marcante na fala de Don Frutos Gómez.

Ainda nesse recorte do conto, é possível observar outra ruptura com o modelo narrativo de enigma, trata-se do personagem de Arzásola que, apesar de ser o ajudante de Don Frutos, assim como o doutor Watson o é para Holmes e o capitão Hastings para Poirot, tem o papel de intérprete da linguagem inculta do delegado, haja vista que é apresentado como possuidor de um nível cultural e

linguístico superior ao de Don Frutos. Porém, a despeito desta controvérsia, é Don Frutos Gómez quem raciocina, deduz e descobre o criminoso, enquanto que Arzásola recebe ordens e cumpre obrigações e, tal qual o modelo clássico de parceiro da literatura policial, não exibe a rapidez dedutiva ou o poder de decisão, característico do detetive.

Desta maneira, Ayala Gauna faz uma sátira à imagem culta e imponente do Grande Detetive, cujo círculo social é composto pela elite, pelo espaço urbano e pelo exímio domínio linguístico. Portanto, “queda para el recuerdo, la visión del escritor correntino Velmiro Ayala Gauna, que en la literatura inmortalizó al primer comisario rural con chapa de detective” (EL LITORAL, 2006, p. 2).

## 6 Considerações finais

*O prazer que um texto inala no leitor é, em grande parte, devido ao seu grau de novidade, de transgressão em relação aos padrões anteriores.*

*(Lidiane Carvalho Nunes, 2014)*

O personagem Don Frutos Gómez foi marco de uma produção escrita de Ayala Gauna baseada na paródia de modelos, principalmente, ingleses da literatura policial de enigma, pois o escritor argentino, com o detetive *costumbrista* de *Capibara-Cué*, satiriza o modelo clássico de narrativas de crime. O que era formal, culto, imponente, arrogante passa a ser inculto, informal e mais humilde com Don Frutos Gómez, ao contrário do que se passa com as figuras de Hercule Poirot (Agatha Christie) e Sherlock Holmes (Arthur Conan Doyle).

Desse modo, nesta inversão de valores, o personagem de Ayala Gauna não é um detetive particular, mas sim um assalariado que não recebe dinheiro pelos casos resolvidos e nem convive com pessoas ricas, uma vez que trabalha em um povoado e está rodeado por pessoas das classes mais baixas. Como funcionário, está submisso às ordens de seus superiores, como ficou bem evidente na cena em que Mr. Williams e o marquês vão até a delegacia com o deputado. Este o manda arquivar o caso, do contrário deixará de desempenhar a função de delegado.

No conto, quando se pensa que a história acabou com a descoberta da ladra (cleptomaniaca), não se compreende o título do conto sobre a justiça de Don Frutos, visto que, até aquele momento, ele não cumpriu a lei em decorrência de sua subordinação ao legislador, mas, a partir do desenrolar da segunda parte da narrativa, pode-se refletir acerca das intenções do delegado e onde e como a sua justiça ocorre.

Assim, o relato policial da segunda parte, aparentemente independente da primeira, mostra-se estreitamente inseparável e ligado a sua precedente e, ao apresentar o desenlace da trama com a aplicação da justiça de Don Frutos

Gómez, que iguala pobres e ricos no cumprimento da lei, surpreende o leitor com um final inusitado.

Logo, a satisfação na leitura das narrativas de crime de Ayala Gauna está na ruptura do modelo tradicional de narrativa policial, cujo enredo envolvia, quase que exclusivamente, o círculo da elite e, que com Don Frutos Gómez, passa a ganhar vida no ambiente rural do povoado de *Capibar-Cué*, proporcionando ao leitor uma reflexão crítica sobre a literatura policial clássica, ao imbuir à diferença de classes e o modo como ocorre a aplicação da lei entre elas.

Assim, tem-se uma literatura em que os personagens, até então marginalizados, são equiparados aos personagens clássicos da Grande Literatura Policial. Mostrando-os tão capazes em sua humildade e humanidade quanto os Grandes Detetives imaculados e convencidos.

Por conseguinte, é justamente na transgressão dos padrões clássicos que Ayala Gauna logra êxito e edifica o seu peculiar detetive *costumbrista* que, assim como Agatha Christie que adorna a fala inglesa de Poirot com enunciados em francês, decora a comunicação de Don Frutos Gómez com diálogos em guarani.

## Referências

- A CONSEIL GÉNÉRAL DE MAINE-ET-LOIRE (2010). “Le Roman policier”. *Mainet-et-Loire.fr*  
In:  
[http://www.cg49.fr/medias/PDF/themes/culture\\_sports/bdp/boite\\_ouils/Le%20roman%20policier.pdf](http://www.cg49.fr/medias/PDF/themes/culture_sports/bdp/boite_ouils/Le%20roman%20policier.pdf). Acesso em 10 Mar. 2010.
- AYALA GAUNA, V. “Intención”. In: *Los casos de Don Frutos Gómez*. Santa Fe. Argentina: Libería y Editorial Castellvi S. A., 1955, p. 9-11.
- \_\_\_\_\_. “El arribo”. In: *Los casos de Don Frutos Gómez*. Santa Fe. Argentina: Libería y Editorial Castellvi S. A., 1955, p. 13-21.
- \_\_\_\_\_. “La justicia de Don Frutos”. In: *Los casos de Don Frutos Gómez*. Santa Fe. Argentina: Libería y Editorial Castellvi S. A., 1995, p. 135-146.
- \_\_\_\_\_. “Don Frutos Gómez, el comisario”. In: *Don Frutos Gómez, el comisario*. 1a ed. Santa Fe: Espacio Santafesino Ediciones, ([1960] 2015), p. 10-46.
- \_\_\_\_\_. “La justicia de Don Frutos”. In: *Don Frutos Gómez, el comisario*. 2018, p. 47-51. In: <http://argenta-lecturayescritura.blogspot.com/2018/08/los-casos-de-don-frutos-gomez-velmiro.html>  
([https://drive.google.com/file/d/1Myx5HnBGcHlE3XK\\_j6CS8opjebWrHMU9/view](https://drive.google.com/file/d/1Myx5HnBGcHlE3XK_j6CS8opjebWrHMU9/view)) Acesso em: 30.Mai.2020.
- BRACERAS, E.; LEYTOUR, C.; PITTELLA, S. *El cuento policial argentino*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986.
- CASTELLI, E. “Introducción a su libro: ‘Don Frutos Gómez, el Comisario...’”. **Pampagringa** 2010. In: [http://www.pampagringa.com.ar/BIOGRAFIAS/Ayala\\_Gauna.htm](http://www.pampagringa.com.ar/BIOGRAFIAS/Ayala_Gauna.htm) Acesso em 10 mar. 2010.
- CHRISTIE, A. *O misterioso caso de Styles*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.
- DOYLE, A. C. *Coleção Sherlock Holmes*. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2002.
- DUGHERA, E. A. “Presentación”. In: *Don Frutos Gómez, el comisario*. 1a ed. Santa Fe: Espacio Santafesino Ediciones, ([1960], 2015), p. 7-9.
- EDITORIAL ESTRADA. “El cuento policial”. *Editorial Estrada*, 2010. In: <http://turemanso.com.ar/maneras/teoria> Acesso em 10 mar. 2010.
- EL LITORAL. “Don Frutos, um Sherlock rural”. *El Litoral*, 2006. In: <https://www.ellitoral.com.ar/corrientes/2006-8-8-21-0-0-don-frutos-un-sherlock-rural>  
Acesso em 30.Abr.2020
- MASSI, F. O detetive do romance policial contemporâneo. *Revista Pro Língua*, v. 2, jan-jun 2009. In: <http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2010/01/fernanda-massi.pdf> Acesso em 10 mar. 2010.
- NUNES, L. C. *O crime como método: um estudo da literatura policial na obra de Mayrant Gallo*. Dissertação (Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, p. 119, 2014.

PIRES, C. S. “A tipologia do romance policial”. *Wikipedia*. 2010. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Romance-policial> Acesso em 10 mar. 2010.

PONTES, M. *Elementares: notas sobre a história da literatura policial*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

TODOROV, T. Tipologia do romance policial. *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 63-77.

VERLICHAK, C. “Don Frutos Gómez, comesario rural” *La nación*. 2011. In: <https://www.lanacion.com.ar/economia/campo/don-fruto-gomez-comesario-rural-nid1426198> Acesso em 30. abr.2020.

# The idiosyncrasy of the rural man in crime narratives

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicity:**

Fluxo contínuo

**Volume 6**

**Number 1**

**Received in:** 27/08/2020

**Approved in:** 06/11/2020

**Abstract:**

The writer Velmiro Ayala Gauna born in Corrientes, Argentina, parodies the classic model of police literature by transferring the urban, rich and cultured environment of crime narratives, from the era of the Great Detective, to the rural, suffering and uneducated environment of *Capibara-Cué*, whose satire is intensified with the peculiar methods and with the opposite figure of the traditional detective, represented, in his narratives, with an uncultivated language and as a wage earner who follows orders from his superiors. However, despite these controversies, Don Frutos Gómez always achieves his goal of finding the culprit. Therefore, from the apexes of police literature, with a focus on enigma narratives (Pontes, 2007; Nunes, 2014; Braceras, Leytour and Pittella 1986), this article analyzes the story “La justicia de Don Frutos”, by Ayala Gauna.

**Keyword:**

Enigma narratives; Ayala Gauna; Parody; Don Frutos Gómez; Idiosyncrasy; Unusual.